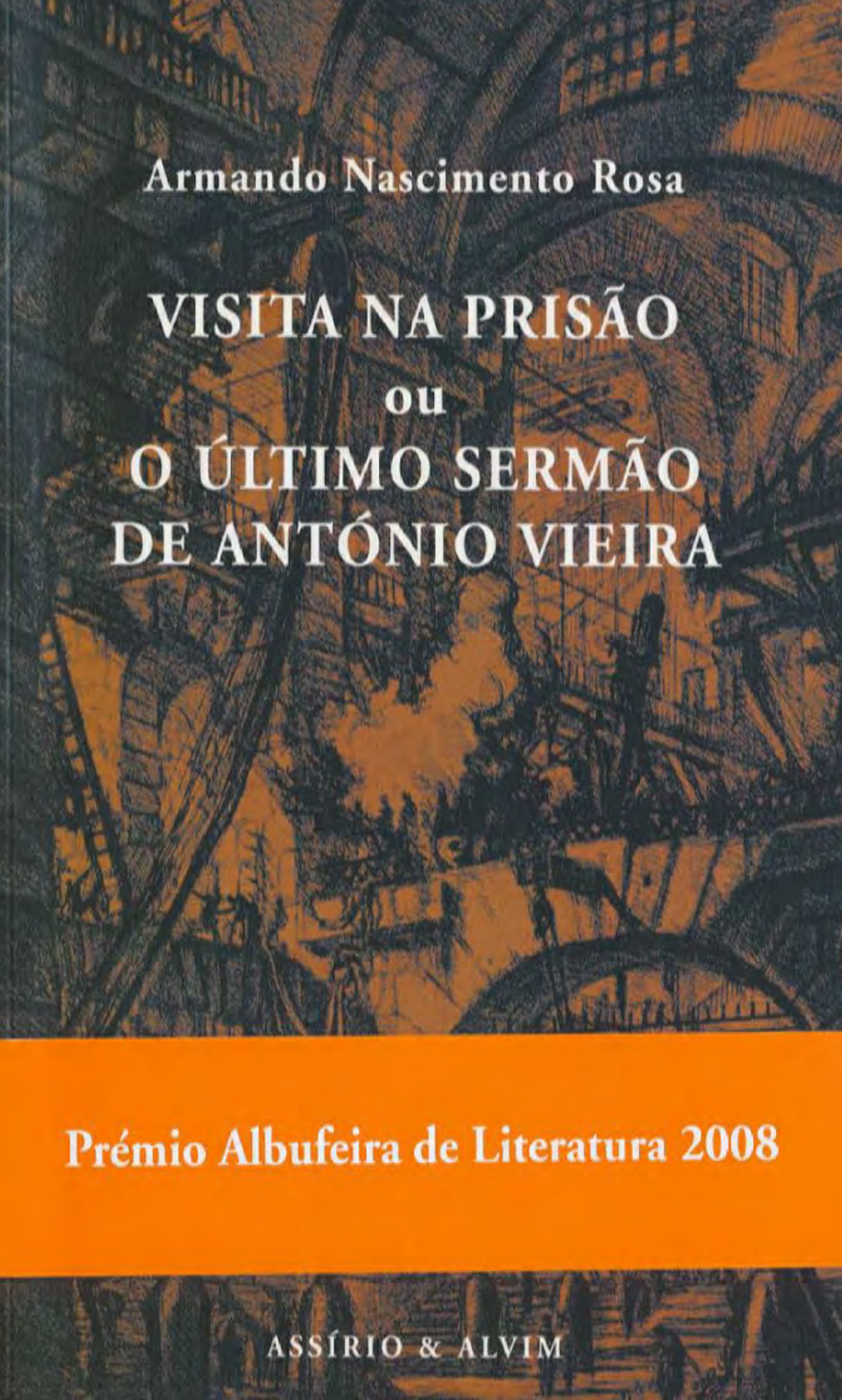




Armando Nascimento Rosa

VISITA NA PRISÃO
ou
O ÚLTIMO SERMÃO
DE ANTÓNIO VIEIRA

Prémio Albufeira de Literatura 2008

ASSÍRIO & ALVIM

Armando Nascimento Rosa

VISITA NA PRISÃO
ou
O ÚLTIMO SERMÃO
DE ANTÓNIO VIEIRA

ficção histórico-cénica

ASSÍRIO & ALVIM

Prémio Albufeira de Literatura — 2008

Menção Honrosa

na 2.ª edição do Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia António José da Silva

© ASSÍRIO & ALVIM

RUA PASSOS MANUEL, 67 B, 1150-258 LISBOA

E ARMANDO NASCIMENTO ROSA (2009)

NA CAPA: GRAVURA DE PIRANESI

ISBN 978-972-37-1415-9

EDIÇÃO 1313, ABRIL 2009

Visita na Prisão ou *O Último Sermão de António Vieira* conhece uma primeira apresentação pública sob a forma de leitura encenada, em 14 de Abril de 2009, integrado num ciclo de sessões dedicado a obras de dramaturgia portuguesa, coordenado por Natália Luiza, no espaço do Salão Nobre do Teatro Nacional D. Maria II.

DIRECÇÃO: Álvaro Correia

PERSONAGENS E ACTORES:

1.º CARCEREIRO: José Neves

2.º CARCEREIRO: Fernando Nobre

ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA: João Grosso

PADRE ANTÓNIO VIEIRA: António Fonseca

MADRE PAULA: Rosário Gonzaga

D. NUNO DA CUNHA D'ATAÍDE: Manuel Coelho

LEONOR MARIA DE CARVALHO: Mia Farr

PERSONAGENS

1.º CARCEREIRO (prisão inquisitorial dos Estaus)

2.º CARCEREIRO (prisão inquisitorial dos Estaus)

ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA (dramaturgo)

MADRE PAULA (amante de D. João V)

PADRE ANTÓNIO VIEIRA (espectro do escritor e pregador)

D. NUNO DA CUNHA D'ATAÍDE (cardeal inquisidor-mor)

LEONOR MARIA DE CARVALHO (mulher de António José da Silva)

A acção decorre em Outubro de 1739, entre a noite de 17 para 18 e a madrugada de 19, em Lisboa (cela do Santo Ofício, ao Rossio), em Odivelas (mansão de Madre Paula, anexa ao convento), e numa rua da capital.

CENA 1

Noite. Dois carcereiros trazem um prisioneiro visivelmente maltratado para a cela. Atiram-no para cima de uma enxerga. O prisioneiro parece ter perdido os sentidos.

1.º CARCEREIRO: Tu exageraste. O homem já não dá acordo de si.

2.º CARCEREIRO: D. Nuno teve a culpa. Disse que eu estava a ter o pulso brando, e que a continuar assim me despedia e me enviava para as galés.

1.º CARCEREIRO: Deste tanto aperto às cordas que o homem já não sabe quem é.

2.º CARCEREIRO: Melhor para ele. Com a sorte que lhe resta amanhã, é preferível que não acorde mais. Abreviei-lhe o sofrimento.

1.º CARCEREIRO: És um carrasco caridoso. Deus há-de compensar-te.

2.º CARCEREIRO: Assim o espero. Olha para ele. Está a sonhar. Não sente os membros massacrados da tortura. Libertei-o do covil onde estamos encerrados. Fui seu amigo, como Judas foi de Cristo. Nem lhe atei ainda as mãos.

1.º CARCEREIRO: Se te ouvem dizer isto arriscas-te ao lugar dele, quando a cela ficar vazia amanhã.

2.º CARCEREIRO: És tu que vais denunciar-me ao Santo Ofício?

1.º CARCEREIRO: Eu não seria capaz de fazer isso. Sou leal com os meus colegas.

2.º CARCEREIRO: Deves ser o único neste país maldito. Toda a gente aqui se acusa por dá cá aquela palha. E quando não há acusação, logo arranjam maneira de fabricar uma.

1.º CARCEREIRO: Que D. Nuno não te oiça, por amor de Deus! Anda meio mundo a ser espião do outro meio. Já não temos emenda.

2.º CARCEREIRO: Chegaste a assistir a alguma comédia do Judeu?

1.º CARCEREIRO: Eu não frequento esses lugares.

2.º CARCEREIRO: Mas eu sim, e diverti-me à brava. É teatro para plebeus como nós. É uma pena irem matá-lo.

1.º CARCEREIRO: Como é que tu lhe aprecias a arte e ao mesmo tempo és capaz de lhe esmagar os ossos?

2.º CARCEREIRO: Sou um funcionário competente. Embora não seja esta a vocação que sonhei. Mas com o corpanzil que Deus me deu só me contratam para carrasco. E levo melhor vida do que se andasse embarcado. E tu?

1.º CARCEREIRO: Eu o quê?

2.º CARCEREIRO: Por que é que andas nesta vida suja?

1.º CARCEREIRO: Se os inquisidores te ouvem dizer isso, vens fazer companhia ao judeu.

2.º CARCEREIRO: Só se tu lhes fores contar.

1.º CARCEREIRO: Já te disse que não sou delator.

2.º CARCEREIRO: Então vais dizer-me que a vida que levamos não é suja?! Somos bonecos ao serviço destes fanáticos.

1.º CARCEREIRO: Tu não vais durar muito tempo aqui...

2.º CARCEREIRO: Agora deste em profeta. Eu sei quando me devo calar. Estou a fazer um teste contigo. Para saber se posso confiar em ti. (*Agarra-lhe o pescoço, ameaçador.*) Se isto que eu disse agora começar a correr de boca em boca nestas celas, já sei quem deve provar a dureza dos meus punhos. Percebeste? Ou queres ficar com o focinho mais esmagado que os braços dele?

1.º CARCEREIRO: Recebi a mensagem. Não sou asno.

2.º CARCEREIRO: Óptimo. Assim trabalha-se melhor.

(*Escuro*)

CENA 2

Noite. Madre Paula dorme na companhia do rei D. João V, acorda de súbito e levanta-se inquiridora, porque sente a presença de uma terceira pessoa no quarto. O rei permanece mergulhado no sono. O espectro de Padre António Vieira dialoga com Madre Paula.

MADRE PAULA: Quem está aí?

PADRE ANTÓNIO VIEIRA: Um homem de paz.

MADRE PAULA: Como é que entrou nos aposentos desta torre?

Está guardada por soldados. É el-rei que dorme nesta cama.

PADRE ANTÓNIO VIEIRA: Eu sei Madre Paula. É por isso que aqui estou. Venho apelar ao seu poder junto do nosso rei magnânimo. Estou certo que o seu coração não ficará alheio a este gesto de misericórdia que suplico de si.

MADRE PAULA: Mas você não pode ter entrado aqui. Eu não o conheço. (*Aflige-se por estar em trajes menores.*) Só D. João e as criadas de quarto me podem ver o corpo seminu. Saia por favor! El-rei pode acordar. Vou chamar os soldados de vigia. Será isto um sonho mau, um pesadelo de Deus?

PADRE ANTÓNIO VIEIRA: Talvez tudo isso, sim. Mas não se aflija. Não venho por mal, venho por bem. Ninguém está mais perto de alterar a vontade do rei do que a Madre Paula. Ele

mandou construir esta mansão e esta alta torre só para si, para que ambos rejubilem nos prazeres da carne, mais próximos do céu. Se alguém pode cumprir o meu pedido é a senhora que, tal como eu, fez votos de vida religiosa, no passado.

MADRE PAULA: Você escarnece de mim, de uma pobre mulher cuja beleza fez tremer um dia as paredes do convento e atraiu sem querer a paixão de um soberano.

PADRE ANTÓNIO VIEIRA: Descanse, minha senhora. Não sou seu guia espiritual nem esta hora da noite é boa para confissões. Venho pedir-lhe que salve a vida de um homem condenado.

MADRE PAULA: E como posso eu fazer isso? Não passo da simples concubina de um monarca viciado em freiras.

PADRE ANTÓNIO VIEIRA: Não se subestime Madre Paula. D. João tem muitas amantes, mas a nenhuma manteve esta vida de luxo. A senhora saiu da cela do convento de Odivelas para vir reinar neste palácio. Há vinte anos que prende o desejo do rei na sua alcova. Conquistou-lhe o coração. Nem a rainha tem sobre ele esta ascendência.

MADRE PAULA: Quem é você, criatura? Faz-me medo a sua voz, como se não fosse deste mundo.

PADRE ANTÓNIO VIEIRA: E talvez não seja. Sou um simples homem que abraçou a pregação. Quero fazer deste mundo um lugar diferente daquilo que ele é.

MADRE PAULA: ... com a graça de Deus.

PADRE ANTÓNIO VIEIRA: Mas é da desgraça que lhe venho falar, para a podermos evitar. Amanhã há um homem que está para